

Banqueiros recebem o aviso de que Brasil paga juros amanhã

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Os motivos do governo brasileiro para atrasar por uma semana o pagamento do serviço da dívida (juros e taxas) relativo ao mês de janeiro podem ter sido puramente técnicos, como diz o Ministério da Fazenda. Mas a coincidência dessa curíssima suspensão dos desembolsos com a retórica a favor de moratória e os boatos sobre a debilidade das reservas monetárias do país ainda são suficientes para assustar e irritar muitos banqueiros estrangeiros. Ontem, porém, todos os bancos credores do país já tinham recebido um telex tranqüilizador, com a garantia de que não se trata de nenhum tipo de moratória e de que os pagamentos serão efetuados amanhã.

Esse calmante foi despachado a seus colegas pelo banqueiro William Rhodes, do Citibank, que preside o Comitê Coordenador da dívida brasileira. Ele apenas retransmitiu as garantias que ouviu do principal negociador do lado brasileiro, o assessor internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, sobre a disposição do Brasil de cumprir tudo o que está escrito no acordo com os bancos, exceto um ponto: o relending (sistema de reemprestimo dentro do país, pelos bancos estrangeiros, de velhos pagamentos que foram depositados no Banco Central, no início da crise).

"O clima não é nada bom em relação ao Brasil. Todo mundo está desconfiado dessa coisa de falar de moratória depois de ter um superávit de US\$ 19 bilhões e de um acordo que o próprio ministro

Mailson achou bom para o Brasil", disse um banqueiro.

Chegou a haver uma suspeita, ontem de manhã, de que os bancos americanos estariam iniciando um processo de má vontade para atrasar as renovações das linhas de crédito comerciais para o comércio exterior brasileiro — verdadeiro calcnar-de-aquiles do Brasil na sua frente financeira externa. Houve, de fato, alguns pedidos de *clean up* dos bancos americanos em certas operações — isso quer dizer que em vez de renovar a linha, o banco credor pede ao operador brasileiro (geralmente banco com agência no exterior) para pagar integralmente e 24 ou 48 horas depois empresta de novo a mesma quantia. Chegou-se a pensar que isso poderia estar se generalizando, mas logo a praça se convenceu de que eram casos isolados.

Um funcionário brasileiro estranhou toda a irritação dos banqueiros americanos por causa do atraso de uma semana. "Acho que eles estão se irritando à toa. É só ver em volta quem está pagando e reparar que uma semana não é nada demais", disse ele. De fato, há muito tempo os banqueiros não vêm a cor do dinheiro de muitos países, pequenos e grandes. A Argentina, por exemplo, só vem pagando os serviços de suas linhas de crédito comerciais, enquanto o Brasil desembolsa cerca de US\$ 500 milhões por mês só para os bancos comerciais, permitindo aos americanos, por exemplo, bater seus recordes de lucros nos últimos meses.

Em Brasília, o Banco Central confirmou para amanhã o pagamento de US\$ 500 milhões de parcela dos juros da dívida externa vencida na semana passada, e que foi adiado para evitar uma queda brusca nas reservas. Segundo o BC, a desvalorização do cruzado em 17% e também as altas taxas de juros do overnight levaram os exportadores a se apressarem em fechar o câmbio desde segunda-feira passada, o que teve um impacto positivo sobre as reservas. A expectativa é de que as reservas tenham fechado 88 em US\$ 5,5 bilhões, contra os US\$ 6,7 bilhões estimados inicialmente. O atraso se deveu também ao fato dos bancos credores não terem liberado a parcela de US\$ 600 milhões em novembro do ano passado, referente ao acordo da dívida externa.



Rhodes: mais tranqüilo